

U
M PUNHAL
CONTRA
MINAS

CÁSSIA DOS SANTOS

U
M PUNHAL
CONTRA
MINAS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Cássia dos

Um punhal contra Minas / Cássia dos Santos. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

ISBN 978-65-86089-98-1

1. Cardoso, Lúcio, 1912-1968 – Crítica e interpretação 2. Cardoso, Lúcio, 1912-1968. *Crônica da casa assassinada* 3. Escritores brasileiros 4. Literatura brasileira – Crítica e interpretação 5. Teoria literária I. Título.

21-86469

CDD-B869.939

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Apreciação crítica B869.939

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

imagem da capa: Lúcio Cardoso (1912-1968). *Igrejinha amarela*, s/d.

Pastel sobre papel. Coleção Maria Luíza de Paula Xavier Vilela

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão final da autora

bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Este livro é dedicado à memória da minha grande amiga
Maria Lúcia Gnatos João Lima*

Meu movimento de luta, aquilo que busco destruir e incendiar pela visão de uma paisagem apocalíptica e sem remissão, é Minas Gerais. Meu inimigo é Minas Gerais. O punhal que levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja, é contra Minas Gerais. Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. Contra a concepção de vida mineira. Contra a fábula mineira. Contra o espírito bancário que assola Minas Gerais. Enfim, contra Minas, na sua carne e no seu espírito. Ah, mas eu a terei escrava do que surpreendi na sua imensa miséria, no seu imenso orgulho, na sua imensa hipocrisia. Mas ela me terá, se for mais forte do que eu, e dirá que eu não sou um artista, nem tenho o direito de flagelá-la, e que nunca soube entendê-la como todos esses outros – artistas! – que afaçam não o seu antagonismo, mas um dolente cantochão elaborado por homens acostumados a seguir a trilha do rebanho e do conformismo, do pudor literário e da vida parasitária. Ela me terá – se puder. Um de nós, pela graça de Deus, terá de subsistir. Mas acordado.

Lúcio Cardoso, *Jornal do Brasil*, 25 de novembro de 1960.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO 1

<i>A retomada da obra literária após as experiências fracassadas no teatro e no cinema.....</i>	15
<i>Romancistas de 1930: considerações acerca de uma possível visão de conjunto.....</i>	25
<i>Duas trilogias inacabadas: A luta contra a morte e O mundo sem Deus.....</i>	42

CAPÍTULO 2

<i>A concepção da cidade imaginária de Vila Velha e de um novo ciclo de obras.....</i>	59
<i>Mais um projeto inacabado: O viajante.....</i>	94

CAPÍTULO 3

<i>Escrevendo a Crônica da casa assassinada.....</i>	123
<i>A decadência como tema e obsessão.....</i>	154

CAPÍTULO 4

Os originais e a edição crítica da

Crônica da casa assassinada 185

Um crescendo quase sem fim:

a elaboração do romance 204

Nina: beleza, fascínio e mistério 232

CONCLUSÃO 259

REFERÊNCIAS 265

INTRODUÇÃO

Publicada em 1959 pela editora José Olympio, a *Crônica da casa assassinada* é, indiscutivelmente, a obra mais conhecida e estudada de Lúcio Cardoso [1912-1968]. Dono de uma produção variada, que incluiu, além de volumes de poemas, de diários e de traduções, incursões pelo teatro e pelo cinema e uma breve, embora bem-sucedida, carreira como pintor, o autor consolidou seu nome em nosso meio artístico e literário, entretanto, fundamentalmente como o romancista que foi e o maior motivo para que assim tenha sido reside no livro aqui em discussão.

Vindo a lume após o aparecimento de quatro romances e de seis novelas, a *Crônica da casa assassinada*, ao contrário da maioria dos livros que a antecederam,¹ foi recebida com atenção e, no curto período de cinco meses – entre 4 de abril e 12 de setembro de 1959 –, teve pelo menos 24 diferentes artigos veiculados a seu respeito somente nas revistas e suplementos literários do Rio de Janeiro e de São Paulo. O público leitor

1. A análise da recepção crítica desses livros, lançados entre 1934 e 1954, foi o tema de minha dissertação de Mestrado, defendida em 1997 na Unicamp, e que, após ligeiras alterações, deu origem ao livro *Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso*, publicado em 2001 pela Mercado de Letras em coedição com a Fapesp.

tampouco se mostrou indiferente ao romance, que conheceu, até agora, 27 edições, número até certo ponto modesto diante daqueles associados a tantos outros títulos de nossa literatura, mas que inegavelmente assume uma dimensão mais significativa se o que se considera é a trajetória e a recepção da obra de um escritor relativamente desconhecido como ainda o é o mineiro Lúcio Cardoso.²

A importância do romance no conjunto da produção do autor, percebida e destacada na época de seu lançamento, só fez avultar ao longo das décadas e se, já naquela ocasião, houve quem o tivesse como sua obra-prima, em tal condição o livro se impôs firmemente com o passar dos anos. Mais de um crítico ainda assinalou, naquele momento, o papel que representava na carreira de seu criador, tomando-o como o marco de uma nova fase. O próprio Lúcio, em várias entrevistas concedidas após

2. Vale lembrar que, até agora, com exceção de *Maleita*, com oito edições, e de *Inácio*, com quatro, os demais romances e novelas do ficcionista alcançaram no máximo três edições. A *Crônica*, por sua vez, depois do lançamento pela José Olympio em março de 1959, teve mais duas edições enquanto Lúcio era vivo: a de 1963, pela editora Letras e Artes, e a de 1968, pela Bruguera. A partir de então, permaneceu vários anos fora de catálogo até ser relançada em 1979 pela Nova Fronteira, que concedeu permissão também para que o Círculo do Livro a editasse. Em 1984, a Nova Fronteira publicou a sua segunda edição do romance e, tão logo essa se esgotou, a obra passou a ser encontrada somente nas estantes dos sebos, situação que se modificou sensivelmente nos últimos anos. Em 1990, a Ediouro lançou uma edição de bolso do livro; em 1998, a Nova Fronteira tornou a publicar uma edição desse, em parceria com o Ministério da Educação e do Desporto, e, em 1999, surgiu a edição da Record/Altaya, vendida em bancas de jornal. Também em 1999, pela Civilização Brasileira, foi lançada a edição comemorativa dos 40 anos de publicação do romance, à qual se sucederam outras catorze. Em 2021, a obra mudou de casa e, no mês de abril, chegou às livrarias a sua primeira edição pela Companhia das Letras. Por fim, a edição crítica da *Crônica* apareceu em 1991 e dela já foi feita uma segunda edição pela ALLCA XX/Edusp em 1996. São, pois, salvo engano de minha parte, 27 edições até o presente momento.

o final de sua redação, exprimiu essa opinião ao assegurar que, com ele, inaugurava sua “obra definitiva”.

Se a comparação com os livros anteriores certamente autoriza tal julgamento, não é menos verdade que, desde a década de 1930, planos e ideias relacionados à *Crônica da casa assassinada* já estavam, de certa forma, em gestação. A leitura e a análise de originais inéditos do escritor depositados no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa são reveladoras de que, já em 1936, ano da publicação de *Aluz no subsolo*, Lúcio Cardoso trabalhava com temas, situações e personagens que seriam plenamente desenvolvidos no romance de 1959.

A explicação para tal fato deve ser buscada no projeto maior que, idealizado nos anos 1930, seria retomado e ampliado pelo ficcionista na década de 1950: escrever a crônica de uma cidadezinha imaginária, que situaria na Zona da Mata mineira, região tantas vezes percorrida por ele nas suas muitas viagens ao interior do país. Pensada desde o princípio como um dos volumes de uma série inteira, totalmente ambientada nesse vilarejo fictício, a *Crônica da casa assassinada* era, aos olhos de seu autor, uma espécie de prólogo da história de decadência, de morte e de destruição desse pequeno mundo apocalíptico, a que, paradoxalmente, também desejava dar vida.

Nesse sentido, o livro é mais do que a narração da queda da Casa dos Meneses, ainda que, ao longo de suas páginas, a derrocada e a extinção da tradicional estirpe mineira se processem cabal e inapelavelmente. Ele é igualmente representativo desse projeto ambicioso que, a partir de 1951, ano do início da elaboração do romance inacabado *O viajante*, passou a absorver o escritor e que, por motivos que serão discutidos em meu ensaio, nunca chegou a ser concluído.

Se uma questão de tal relevância se manteve, até hoje, à margem das considerações da crítica sobre a obra, também permaneceu como tema a ser examinado o modo como se

efetuou a sua composição, apesar das várias dissertações, teses e livros que se defenderam e publicaram a seu respeito. Analisar os recursos de que fez uso o romancista na construção do universo mórbido e asfixiante dos Meneses, o significado das sucessivas modificações a que submeteu a narrativa nos quase cinco anos dedicados à sua formulação, acompanhar o percurso trilhado pela *Crônica*, enfim, até cristalizar-se na sua forma definitiva são tarefas ainda a serem realizadas.

O confronto das várias versões com o texto final do livro, viabilizado com o lançamento de sua edição crítica no ano de 1991, permite observar o grande trabalho de reescrita empreendido pelo autor, além de evidenciar o que houve de planejado e intencional na criação de certas facetas de Nina, a fascinante protagonista cuja beleza e cujo mistério seguem despertando tanto interesse entre os leitores. Um pequeno estudo sobre a concepção dessa personagem completará, pois, este ensaio, cujo objetivo maior é compreender as razões da força desse extraordinário romance, que tira toda sua vitalidade de um inquietante mundo em ruínas.